Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternaci2031unse

IO XX — Brasil — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1944 — N. 3

Revista Internacional do Espiritismo

LAP

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL

LIBRARY OF PRINCETON
NOV 1 5 2006
THEOLOGICAL SEMINARY

SUMÁRIO

As Novas Cousas e o Espírito de Sistema . . . . . *Redação*
Os Fenômenos de Bilocação . . . *Prof. Ernesto Bozzano*
A Linguagem dos Espíritos . . . *J. B. Chagas*
O Capitão do Navio Mercante . . *"The Two Worlds"*
Os Perigos Sociais do Espiritismo . *Leopoldo Machado*
O Espírito do Homem Evoluiu Através das Formas Inferiores da Vida *The Progressive Thinker*
Perspectivas de Ultra-Tumba . . *Revue Spirite*
Reencarnação . . . . . *Prof. Adauto O. Serra*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*

ANO XX — E. S. Paulo — Matão, 15 de Abril de 1944 — NUM. 3

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

(Registrado no D. I. P. sob o numero 11.565)

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche S. Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto n. 301 Oficinas: Rua Ruy Barbosa n. 673

As Novas Cousas e o Espirito de Sistema

A evolução é uma das pedras fundamentais das sábias leis de Deus. Porisso tudo se transforma, e o homem, ainda que teime em permanecer estático na senda da evolução, é impelido por uma fôrça oculta, misteriosa, a caminhar sempre para a frente e para o alto.

E' assim que as cousas velhas se renovam ao passar pelo cadinho purificador da lógica, da razão e do raciocínio e novas cousas surgem iluminando o roteiro dos homens, que marcham para a conquista da Perfeição, que é amor, felicidade, paz e fraternidade.

E as novas cousas nunca nos chegam fóra de tempo. Elas surgem sempre na hora aprazada, na hora em que Deus entende enviar à humanidade maiores jactos de luz da sua infinita sabedoria e do seu infinito amor.

Tudo o que aparece no mundo é necessário à evolução dos homens que, cada vez mais esclarecidos, saberão escolher o que melhor lhes interessa, o que, enfim, será capaz de proporcionar-lhes melhores resultados para um futuro feliz e sem variações.

E' assim que as velhas religiões e os sistemas filosóficos e científicos em que se apoiam os homens, vão desaparecendo sistematicamente à medida que o progresso desvenda novas e promissoras sendas. Assim tem acontecido desde a fundação do mundo e assim acontecerá sempre, porque a obra de Deus não estaciona, marcha sempre. Por isso assegurou o Cristo: «Meu Pai não cessa de agir».

As novas cousas, porém, fruto do progresso, da evolução, tem encontrado em todos os tempos, a oposição obstinada dos rotineiros, homens que teimam por manter o tradicionalismo, presos aos seus interêsses materiais e comodidades terrenas, verdadeiros fanáticos que, cegos de entendimento e de espírito, não negam o seu concurso ativo para lapidar e levar à fogueira, os portadores das boas-novas que o Alto constantemente nos envia. A História está cheia de factos que comprovam a nossa afirmativa, e se hoje em dia não sucede o mesmo, é devido ás novas leis humanas, que garantem a todos o livre exercício de culto.

Entre as novas cousas que ultimamente surgiram como dádivas celestiais, acha-se o Espiritismo, doutrina sancionada pelos factos, pela lógica e pela razão. Contra ela, porém, levantaram-se as religiões e o profissionalismo científico, no infeliz propósito de sepultá-la na sua tão falaz autoridade, como se de facto o homem pudesse sepultar as determinações de Deus.

Mas, o que faz e o que ensina

o Espiritismo para que contra êle se unam, numa perseguição ingloriosa, os seus opositores? Simplesmente isto: que fóra da caridade não ha salvação; que a vida é eterna; que o homem é dotado de um espírito imortal que pode comunicar com os que habitam êste mundo; que o espírito reincarna com o fim de se aperfeiçoar através das provações de ordem moral e física; que os espíritos podem operar curas de enfêrmos desenganados pela ciência oficial, prevalecendo-se de um médium.

Entretanto, alegra-nos saber que o Espiritismo avança resolutamente, e que, como um pesado «tanque», vai passando altivo sôbre os seus opositores, como se êstes não existissem. Por toda a parte, principalmente no Brasil, que é o Coração do Mundo e a Pátria do Evangelho, segundo o ilustre espírito de Humberto de Campos, esta doutrina se difunde amplamente. Enquanto os encarnados a propagam por todos os meios ao seu alcance, pela imprensa, pelo rádio, por livros, conferências e obras de assistência social, para as quais se fundaram e se estão fundando amplos prédios, os espíritos vão reproduzindo, num crescendo admirável, os fenômenos espíritas como base principal do Espiritismo e contra os quais falecem todas as arremetidas dos eternos opositores e negadores da Verdade.

Os mal intencionados, geralmente movidos em defesa dos seus próprios interêsses, podem combater aqueles que trabalham com ardor e desprendimento na seára da Verdade, mas nada poderão fazer contra um facto ou um fenômeno espírita. Daí a razão por que dentro em breve o Espiritismo ampliará o seu raio de ação por todos os quadrantes do globo. Êle chegou na hora aprazada, na hora por Deus determinada, sendo inútil, portanto, qualquer tentativa de sepultá-lo. Êle é a base da evolução, porque se funda na eternidade, na imortalidade, em Deus. A sua missão é conduzir os homens à Perfeição, sendo o seu advento o sinal caraterístico de que eles já se tornaram dignos de receber novas alvíçaras do Alto.

Que meditem profundamente os que ignoram o valor do Espiritismo, afim de encontrarem um interstício pelo qual possam receber um raio da luz divina, que, por muito pequena que seja, não deixará de iluminar-lhes a senda escura da descrença e do preconceito.

Os Fenômenos de Bilocação

Prof. ERNESTO BOZZANO

INTRODUÇÃO

Os fenômenos de bilocação têm uma importância decisiva para a demonstração experimental da existência e da sobrevivência do espírito humano. E isto porque provam que existe no corpo «somático» um «corpo etérico» que, em raras circunstâncias de decréscimo vital: sono ordinário, hipnótico, mediúnico, êxtase, desmaio, efeitos narcóticos, coma, é suscetível de se afastar temporariamente do «corpo somático» durante a existência terrestre. Daí a conclusão lógica que se o «corpo etérico» ou «perispírito» é suscetível de se afastar temporariamente do «corpo somático» levando consigo frequentemente a conciência individual, a memória integral e suas propriedades sensoriais, dever-se-ia reconhecer então que, quando dele se separa definitivamente pelo processo da morte, o espírito individual (exatamente: individualizado) continuará a existir em condições de ambiente apropriado. O que equivale a admitir que a existência dum «corpo etérico» num «corpo somático», e consequentemen-

te dum «corpo etérico», demonstra que a séde da conciência e da inteligência é o «corpo etérico», o qual constitue o envólucro supremo, imaterial, do espírito desencarnado.

De vinte anos para cá, muitos metapsiquistas bem conhecidos, de modo particular se ocuparam dos fenômenos de «bilocação», consagrando monografias e volumes a esta importante questão: recordarei três obras notáveis publicadas na França, uma dèvida a Gabriel Delanne, a outra a Henrique Durville, a terceira ao Coronel de Rochas; na Italia, o Professor Lombroso lhe dedicou um capítulo em seu livro; na Alemanha, o Dr. E. Mattiesen dedicou-lhe bem recentemente, longa monografia na qual tratou o árduo problema, de modo magistral.

Por minha parte, já em 1910, publiquei longa monografia intitulada: «Considerações e hipóteses sôbre os fenômenos de bilocação» (*Luce e Ombra* 1911). Mas os factos desta natureza, depois continuaram a se avolumar em tão grande número que hoje encontro á minha disposição importante material bruto, capaz de levar a conclusões de ordem geral, precisas e seguras, advindas do valor cumulativo dos mesmos documentos. Segue-se que, se em minha primeira monografia eu concluí declarando prudentemente que as provas cumulativas dos factos por mim relatados, ainda não pareciam suficientes a conferir-lhes um valor científico, hoje, pelo contrário, ante a imponente quantidade de novos casos acumulados e classificados, considero chegado o momento de me pronunciar sôbre o problema, de modo explícito e afirmativo.

Assim sendo as cousas, volto a desenvolver o mesmo tema, retocando completamente minha primeira monografia, duplicando-lhe o volume. Assim fazendo, terei o cuidado de citar pouco dos factos extraidos das obras acima referidas, e isto porque a documentação que ajuntei é tão copiosa que serei forçado a utilizar-me de pequena parte dos factos já narrados. Parece-me, pois, acertado renunciar aos factos já levados ao conhecimento público, por mais interessantes e demonstrativos que sejam para a teoria que eu sustente. Por outro lado, proponho-me a adotar um plano esquemático próprio, afim de evitar o risco de cair do encadeamento de idéias que podem me impedir de formular com clareza, o resultado de minhas investigações pessoais.

Indico, pois, a todos os que tenham a intenção de ulteriormeete aprofundar a questão, às obras de Delanne, Durville, de Rochas e Lombroso.

Do ponto de vista do plano esquemático da presente classificação, eu observo que os fenômenos de *bilocação* (têrmo usado pelos teólogos e que sintetiza as manifestações multiformes ditas de «desdobramento fluídico», correspondente ás outras expressões de «corpo etérico», «corpo astral», «perispírito»), podem subdividir-se em quatro categorias apresentando importância teórica diversa.

Na primeira, inscrevem-se os casos de «sensação de integridade» nos amputados e de «desdobramento» nos hemiplégicos, casos teoricamente muito mais importantes do que geralmente se supõe;

Na segunda categoria enquadram-se os casos em que o *sujet* percebe seu próprio fantasma, mas conservando sua plena conciência;

Na terceira, os casos em que a conciência se acha transferida ao fantasma exteriorizado:

Enfim, na última, os casos em que o «duplo» dum vivo ou dum morto sómente é percebido por terceiros.

Do ponto de vista psicológico, convém notar que os fenômenos de bilocação apresentam esta caraterística altamente sugestiva de sua perfeita uniformidade substancial de exteriorização (1) a despeito das modalidades diversas e numerosas que assumem segundo as circunstâncias, uniformidade substancial que persiste, invariável, em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as raças (inclusive os povos selvagens) de modo a torna-se como o centro de convergência da demonstração de sua existência positivamente objetiva. Ain-

---

(1) No original: *estrinsecazione*.

da se pode observar que êles são tão numerosos que não bastaria um grande volume para conter todos os fenômenos que colecionei. Em parte isto provém do facto — êle mesmo altamente sugestivo — que de um lado, o seu campo se estende até formar o substratum necessário de quasi toda a fenomenologia mediúnica de efeitos físicos, inclusive os fenômenos de materialização (pelos quais a existência dos factos deveriam ser reconhecida também por adversários da hipótese espírita) e que dum outro lado, êles vão até se infiltrarem em grande número nos casos até aqui considerados como de ordem telepática.

No desenvolvimento da presente classificação, limitar-me-ei a expor um numero suficiente de casos típicos que analisarei e comentarei resumidamente, reservando-me formular considerações de ordem geral no capítulo das conclusões.

(Continua.)

A Linguagem dos Espiritos

J. B. Chagas

NA história da humanidade, não ha, talvez, conhecimento de nenhuma ciência ou revelação nova que tenha progredido, tanto quanto o Espiritismo, em prazo tão curto. Apenas alguns anos são passados da época em que êle surgiu à face do planeta, embora existisse de toda a eternidade, através de meios, os mais primitivos e incompletos, a que se chamou de início de «mesas falantes», e já atingiu um lugar de renomado destaque no âmbito das conquistas científicas, proporcionando-lhe posição respeitável, dentre as outras ciências, destaque êste percebido pela auréola de respeito que o circunda, a-pesar-de todos os pesares.

Já agora, não mais a mofa e o desprestígio dos ignorantes, mas o beneplácito dos homens cultos e concienciosos.

* * *

Na manifestação ostensiva dos espíritos, temos a assinalar o seu rápido progresso para a comprovação do fenômeno, desde as primeiras comunicações inteligentes, obtidas por meio de pancadas ou da *tiptologia*, até o da *pneumatografia*, que é a escrita produzida diretamente pelos espíritos em ambientes ermeticamente fechados e lacrados ou não, diferente, portanto, do de *psicografia*, que é o fenômeno da transmissão do pensamento do espírito, através da mão do *médium* — o fenômeno da escrita direta é, inegavelmente, um dos mais extraordinários do Espiritismo.

No desejo de tudo deixar bem claro, *Allan Kardec*, o Codificador da Doutrina Espírita, ou seja do Espiritismo, com a preciência de que era grandemente possuído, não esqueceu de consultar também os espíritos instrutores, sem que isso possa ser apontado em descrédito da sua invejável inteligência, sôbre a predisposição de certos *médiuns* para escrever em língua que lhes era estranha.

E no *Livro dos Médiuns* (cap. XIX), obra na qual catalogou êsses fenômenos, o mestre de Lion, com aquele auxílio, deixou bem claro — embora alguns inciêntes na Doutrina, julguem que a diferença de línguas seja um obstáculo ás relações entre os dois mundos, por constituir êsse obstáculo, *uma barreira linguística* — que os espíritos só têm uma linguagem — a linguagem do pensamento; que os espíritos, portanto, não dispõem da linguagem articulada, mas sim de uma só língua. Essa língua todos a conhecem, porque não se subordina a qualquer imposição linguística ou gramatical.

Portanto, o indivíduo na terra poderia falar qualquer língua, mas uma vez no plano espiritual, não terá mais necessidade de usar o próprio idioma, e quando o espírito deseja que a sua mensagem seja transmitida e divulgada na própria língua, procura um *médium* que possua conhecimentos dessa língua e mais vantagem ofereça para a transmissão da comunicação, porque, êste, menos dificuldade apresenta a vencer, para o fim que tem em vista atingir. Por essa razão, mais comumente, o espírito prefere servir-se da própria lingua do *médium*, ou de uma que lhe seja familiar, sem que isso seja

imperioso, considerando-se ainda a facilidade das correções a serem feitas, posteriormente à comunicação.

Lícito, pois, é que assim aconteça, porque conôsco o mesmo se dá — quando desejamos mandar datilografar um discurso, vamos procurar uma datilógrafa, ou *um do oficio*,—como diz Erasto, e nunca o alfaiate, o sapateiro ou o açougueiro . . .

Quando um espírito se dirige ao *médium* — dizem aqueles mensageiros — não fala francês ou inglês, porém a lingua universal, que é a do pensamento. Para transmitir as suas idéias numa língua articulada, toma de empréstimo as palavras no vocabulário do *médium*, o que nem sempre é indispensável, embora seja êste o meio de comunicação mais preferido pelos espíritos, como veremos adiante.

No entanto, o fenômeno singular no Espiritismo, que o genial *Charles Richet*, denominou de *xenoglossia*, que é a mediunidade poliglota, permite que os *médiuns* falem ou escrevam em linguas que êles ignoram totalmente, e às vezes ignoradas de tôdos os que cercam o *médium*, como no caso clássico da literatura espiritista, citado por êsse mesmo *Richet*, no seu *TRATADO DE METAPSÍQUICA*, a página 272, e largamente difundido no Brasil, através da obra *XENOGLOSSIA* de *Ernesto Bozzano*, editada pela livraria da Federação Espírita Brasileira. O facto a que nos referimos ocorreu com a jovem *Laura Edmonds*, filha do juiz *Edmonds*, na manifestação de um amigo do grego Snr. *Evangelides*, o qual se expressou claramente com o referido senhor, em grego moderno.

E êsse singular fenômeno que permite falar ou escrever o *médium* em língua que ignora, que o próprio professor *Richet*, já citado acima, considerou *um verdadeiro milagre*, mas cuja evidência — segundo êle — necessitava ser provada — não conseguiu se impôr sem que antes tivesse de vencer a obstinação e ignorância de alguns, porque muitos o atribuiam à subconciência do *médium*, e que as mensagens nunca ultrapassavam a esfera da sua cultura; que, na opinião dêsses tais, os efeitos físicos são perfeitamente explicáveis pelos conhecimentos do magnetismo, que possuímos, e, por isso, nada observarám que transcendesse o paralelismo psíco-fisiológico da ciência oficial . . .

* * *

Com o objetivo de invalidar a certeza indiscutível da mediunidade poliglota, foram apresentadas várias hipóteses.

Ernesto Bozzano, na sua monografia intitulada *LITERATURA DO ALÉM TÚMULO*, de dez páginas de texto, dá-nos conta de quatro dessas hipóteses: — a da «personalidade segunda subconciente», tomada no sentido estritamente psicológico de uma fração sistematizada da dissociação psíquica do paciente; a da «conciência subliminal», de *Myers*, tomada no sentido da existência, no homem, de uma personalidade integral subconciente, mais ampla e perfeita do que a conciente e munida de faculdades supranormais e de capacidade intelectuais, cuja emergência esporádica daria lugar ás «inspirações» do gênio; a da existência de uma «conciência cósmica», tomada no sentido em que a considerou *Hartmann*, para quem tratar-se-ia de um atributo verdadeiro e próprio do Absoluto, isto é, de Deus, caso em que se viria a admitir que a subconciência dos *médiuns* se põe em relação direta com o Ente Supremo, pelo nobre intento de ludibriar o próximo; e, finalmente, a da «conciência cósmica», considerada no sentido que lhe atribue o professor *William James*, na opinião de quem poder-se-ia inferir, metapsíquicamente falando, a existência de um «reservatório cósmico das memórias individuais», ao qual teriam livre acesso os *médiuns*, para dêle extraírem tudo o de que necessitassem, afim de mistificarem os míseros mortais». (*Ernesto Bozzano—XENOGLOSSIA* — pag. 87).

Aquí mesmo, em nossas plagas, através do lapis maravilhoso de Francisco Candido Xavier, muitas entidades, habitantes do além, deram as suas comunicações, no seu idioma próprio, sem grandes dificuldades, apesar dos poucos conhecimentos linguísticos daquele *médium*. E o que é mais extraordinário — algumas delas, em sentido contrário ao da escrita correta, cuja leitura só poderia ser feita, tendo o papel diante de um espelho!

Alegar que ha uma *barreira linguística*, entravando a marcha do Espiritismo e impedindo a manifestação dos espíritos, afim de propagar e ressaltar as vantagens para a humanidade de uma língua neutra, é pura obra de má fé, ou então um desejo premeditado de aumentar a confusão, infelizmente, reinante.

Março de 1944.

O CAPITÃO DO NAVIO MERCANTE

PELA MEDIUNIDADE DE MRS. HILL

Colaboração Especial do Marechal do Ar, da Inglaterra, Lorde Dowding

De «THE TWO WORLDS»

Os leitores lembrar-se-ão de quatro artigos por mim assinados e publicados em *Sunday Pictorial*, referentes a mensagens recebidas pela senhora Hill, vindas de seu pai, o falecido Coronel Gascoigne. Pediram-me outra mensagem da mesma série para ser publicada em *The Two Worlds*.

Dentre as inéditas, escolhi a seguinte por ser um pouco diferente das outras. Em primeiro lugar, as mensagens já publicadas tratavam de batalhas em terra e no ar, e esta refere-se a um torpedeamento no oceano; em segundo lugar, esta história se carateriza pela solicitude de um escocês digno de confiança, decidido a relatar os pormenores de seu trespasse, que pudesse haurir de sua memória.

Aquí, pois, a história:

"ENTÃO é possível comunicar com a terra e poder descrever o que me sucedeu. Não sou cristão no sentido da palavra da vossa Igreja. Jamais pude perceber sinceridade alguma na religião das Igrejas, mas eu sentia que sómente o dever era a religião pura do homem sincero. Previamente servi na marinha mercante, esforçando-me por abrir meu caminho até que me tornei um dos capitães de minha linha. Não eram navios grandes, mas atingi o posto de capitão em 1930 e assim permaneci até o fim. Relato-vos êstes pormenores com o propósito de explicar quem fui, o que fiz e donde vim; isto nos esclarece a visão. Sou escocês, natural de Dumfries e estava num comboio atacado por submarinos, o meu navio foi torpedeado, e, não obstante terem escapado algumas embarcações, senti que meu dever era permanecer até o último extremo e fui ao fundo com meu navio. Percebo agora que era uma grande experiência de que quero tirar o máximo proveito com o fim de ajudar os companheiros sob o meu comando que sofreram a mesma penalidade, que os isentou de ulteriores serviços no plano terrestre.

Agora quero tratar cuidadosamente do desastre. Eu estava sôbre a ponte, o navio adernava pesadamente. Já estavam mortos os rapazes na sala de máquinas, mortos pela explosão. Tudo o que se podia salvar já se achava nos botes e eu sustentava a prôa sôbre as ondas, fazendo o navio flutuar tanto quanto eu podia, com o fim de dar o tempo necessário para se afastarem antes do afundamento. Mas o navio adernava progressivamente, até que não mais pude sustê-lo e, então, de súbito, senti um choque, o navio quebrara-se ao meio e submergiu. Eu precipitei-me com o navio. Senti grande peso e intensa opressão. Foi esta a minha primeira lembrança, a pressão sôbre minha cabeça, repentinamente senti-me livre... e facilmente me desembaracei da embarcação. Encontrei-me numa região completamente calma, onde reinava perfeita paz e silêncio. A princípio, lobriguei pequenina luz, que, aos poucos, tornava-se mais distinta, mas não consegui descobrir sua origem. Julgando estar só, não procurei descobrir outras pessoas, mas logo vi que chegavam os rapazes da sala de máquinas, rodearam-me e disseram: «Capitão, não sabiamos que tambem o senhor estava aquí, porque não abandonou o navio com o resto da tripulação?»

Êles eram assalariados e não conheciam a nossa tradição, fiz-lhes ver que o lugar de um capitão é no seu navio, e era tudo quanto importava, porém julgaram-me antiquado, estúpido e não se convenceram. Eram moços e oprimia-os a idéia da morte. Êles estremeciam a vida, e perde-

ram-na. Eu via que minha morte era o termo normal e adequado à minha vida. Eu me orgulhava por ter cumprido a tradição do marinheiro, porém, êles assim não pensavam. Da morte e de Deus nunca esperei outra cousa a não ser justiça e tratamento reto, e no meu fim encontrei tudo a que havia aspirado. Eu não era ambicioso, não possuía parentes próximos que chorassem a minha falta; aceitei o que o destino me reservou.

Interessante, constatei que êsses rapazes pensavam e falavam exatamente como o haviam feito a bordo. Eu continuava a ser seu capitão e êles me obedeciam. Eu tinha curiosidade de saber porque. Acercámo-nos do navio e o examinámos, durante certo tempo comentámos o ataque, então, invadindo-nos a impaciência, disse um dos rapazes:

«Bem, aquí não podemos permanecer para sempre, ainda que estejamos na eternidade». Isto provocou hilaridade, porque continuavamos a ser exatamente os mesmos indivíduos de uma hora antes. «Capitão, o que devemos fazer?» perguntaram. Eu estava um tanto preparado para a resposta. «Não, rapazes — disse eu — «já não sou o vosso capitão, mas se ainda quereis que vos guie, farei o melhor possível. Parece que estamos mortos, segundo o têrmo que usualmente empregavamos, mas como ainda não percebemos qualquer mudança, exceto o estarmos vivendo debaixo da água, tratemos de descobrir as novas condições. Podeis caminhar? Podeis nadar? Podeis subir à superfície? Seja qual for o mundo em que vamos viver, devemos subir à superfície, e eu ainda quero ver a luz solar». Expresso êste pensamento, veio-nos a vontade de subir e nos desembaraçar das condições da morte e do desastre; e assim o fizemos de maneira assombrosamente fácil. Na superfície a luz solar era bela, quente, deslumbrante, as cores muito mais belas, como nunca antes as observára. Sentia-me bem, verdadeiramente bem. Eu não era moço e, de tempos a essa parte, sentia-me cansado, mas a fadiga desaparecera completamente e eu estava vívido e bem, no meu íntimo havia uma sorte de felicidade. Penso que todos nós experimentamos um mêdo secreto de burlar o nosso dever, quando soar a hora derradeira, e se permanecermos firmes até o fim, seremos recompensados. Digo-vos isto francamente, em benefício dos outros para que possam encarar o último momento com intrepidez e compreender quão importante êle é.

Na superfície eu me sentia ditoso e despreocupado, quando de repente um dos rapazes se lançou fóra da água, dizendo: «Veja capitão, eu posso andar sôbre a água, o que vem a ser isto?» e antes de me dar tempo de responder, êle estava fora da água, no ar—se me podeis acreditar. Eu disse: «vem e dá-me a mão, rapaz, quero ver se consigo fazer o mesmo.» «Bem», diz o foguista, Jim Western, «a falta de transporte não nos vai privar de ir a qualquer parte, suponhamos que fossemos à pátria em gôzo de pequena folga após isto?» Despediram-se. Não sei porque, tinha que ficar ali, não me sentia atraido para outra paragem. Êles voltaram ao lar que haviam deixado, mas eu nenhum possuia ao qual pudesse ir, assim fiquei e esperei. Eu pressentia que alguma cousa ia acontecer, e assim foi. Não estava eu só havia muito, quando todos meus conhecidos vieram a mim, os que me precederam. Minha mulher, minha mãe, um filhinho que perdera e alguns antigos pilotos. Foi essa uma reunião sublime à luz do sol e me conduziram a suá terra, mas à nossa chegada nada mais vi, eu estava tão fatigado, e adormeci. E agora estou abrindo o meu caminho nestas aguas novas mais privilegiadas, pois grandes são meus planos para ajudar os outros. Permiti que eu escreva novamente, sinto-me tão grato.»

Humphries.

Comentário pelo Coronel Gascoigne: «Agora a explicação. Aquí está um homem são, digno de confiança, sem idéias fixas, exceto a do dever; o qual persistiu até o fim e foi recompensado. Quando se encontrou no outro mundo, não percebeu guias resplandecentes porque não tinha fé nesse sentido, e por isto não podia estabelecer contacto; nada havia capaz de atrair para Deus, a par-

te mais elevada de sua alma. Em sua vida terrestre, êle realizara serviço esplendido, sempre pelo dever, isto foi aceito e deram-lhe todo o valor, mas não atingiu à parte mais elevada do seu sêr e forçoso lhe seria lutar para êste fim. O facto de não crer no Cristo durante a vossa vida terrestre não vos fechará a porta se diligenciastes trabalhar a bem de vossos semelhantes e satisfizestes a vontade de Deus, mas vos privará da luz maior que poderá ser vossa, e necessário vos será conquistar essa fé e conhecimento antes de ascender ao supremo êxtase da realização que parece ser parte do espírito do Cristo. Êle jamais perdeu a cabeça na vida ou na morte. Nunca o abandonou o o hábito de persistir, mesmo na iminência de ser arremessado às nuvens. No oceano estava êle como em sua casa, e não o afligia a idéia de perder a companhia do resto da tripulação. Em seu íntimo estava êle desenvolvendo a faculdade do poder. O serviço era o propósito de sua vida e o dever, a sua expressão. Nada êle tinha a temer em sua passagem; justo, honesto, determinado e bravo, simples e reto, esperando justiça e tudo oferecendo... de tais é o Reino do Céu.»

* * *

Em vista dos comentários do Coronel Gascoigne, nada mais hà a aduzir. Todavia, desejo assinalar que essa levitação ou dificuldade de conservar o novo corpo na superfície, é uma feição comum da série, como também o desejo imediato de começar a servir seus semelhantes, desejo que exprimiu pelos comunicantes mais respeitáveis e de maior responsabilidade.

O inexplicável desaparecimento do resto da tripulação talvez seja devido a terem êles encontrado seus genios e mensageiros, invisíveis ao mesmo Capitão.

Em mensagem posterior, o Coronel Gascoigne se refere ao Capitão, que êle considera precioso recruta para o trabalho à vista.

DOWDING.

Os Perigos Sociais do Espiritismo

LEOPOLDO MACHADO

ANDA-SE-NOS de S. Paulo o exemplar do «Diário da Noite» com a entrevista do exmo. sr. dr. Leonidio Ribeiro contra o Espiritismo, a respeito de uma conferência com igual título da entrevista, que é o mesmo destas linhas, que s. s. fôra realizar na capital paulistana.

Corremos a ver, ansioso, onde os novos perigos sociais do Espiritismo descobertos por s. s., de vez que os apontados no seu volume, O *Espiritismo no Brasil*, não são perigos, nem é espiritismo o que alí se apresenta como tal. Demonstrou-o à saciedade, o sr. Souza do Prado, no seu *Padres, Medicos e Espiritistas*. Corrida vã, a nossa! Nada de novo nos apresenta o eminente esculápio! Provas, argumentos, sapientices, razões, exatamente os mesmos do volume que escreveu de colaboração com o dr. Murilo Campos. Uma lastimável estagnação, porque os mesmos princípios, a mesma argumentação, as mesmas provas! Aliás, coisa mais do que natural em quantos, sem estudos sérios, ou sem seriedade nos estudos, se botam, aguerridos, contra o Espiritismo.

Começa s. s. assegurando que os fenômenos chamados mediúnicos são cientificamente explicáveis «sem ter necessidade de apelar para o domínio do sobrenatural» De plenissimo acôrdo. E' como, cientificamente, os explica o Espiritismo, que não admite o sobrenatural. O sobrenatural só existe para doutrinas que, sem fôrça e sem poder para explicar alguns fenômenos, valem-se dele para a justificação de seus *milagres*, outra aberração, como o sobrenatural, para a Ciência Espírita. Se s. s. fala, porém, da ciência que, porventura, se contenha na sua medicina legal, na fisiologia materialista, aquí, a

coisa muda de figura, por tratar-se de ciência que, negando, sem bases científicas, a existência do Espírito, não tem autoridade científica para o que se presume! S. s. ignora o que se tem feito, em nome da Ciência, a dentro do Espiritismo, a partir mesmo das experiências de Charles Richet, que são, incontestavelmente, as mais famosas, através das quais, e por mais de uma vez, o eminente sábio francês confessa, a propósito de uma série enorme de fenômenos, que só o Espiritismo poderia explicá-los. Assim, nenhuma aquisição científica do começo dêste século conseguiu modificar, como afirma s. s., uma só conclusão de Allan Kardec. E nem o conseguiria, porque o Espiritismo ha de «ser científico sob pena de suicidar-se», como afirma o próprio Allan Kardec, porque o Espiritismo terá de modificar-se dado surja qualquer concepção científica que lhe escape, afim de explicá-la, só para não perder seu caráter científico. Destaca s. s. as contribuições do hipnotismo relativo à dissociação psíquica, sem apresentar, entretanto, um só exemplo. Mas que é o hipnotismo? Uma perfeita manifestação de nosso mundo psíquico, que teve negada como o Espiritismo, a sua existência pelas doutrinas científicas e pelos doutores seus contemporâneos. Ao hipnotismo aplica-se o conceito de William James a respeito de concepções que, como o Espiritismo, aparecem antes de sua época; negam-nas a princípio; depois, acham que podem conter alguma verdade, mas sem grande interêsse e, por último, dão-lhes honras e fóros de ciência. Foi o que se deu com a circulação do sangue, com o hipnotismo e a vacina. E é o que se está dando com o Espiritismo. Prosseguindo em afirmações de quem não estudou a matéria que combate, cita s. s. a psicanálise, que, como *ciência*, é bem a verdadeira doutrina dos fantasmas que se querem ajustar ao Espiritismo. Todas as teorias psicanalísticas, desde a *libido* até o *onirismo*, que são, em sã razão e em boa lógica, sinão fantasmas, cuja existência real nunca se demonstrará, como se vai demonstrando a existência das entidades que, no Espiritismo, são apontadas como fantasmas. Ora, levar à conta de frutos da mentalidade dos *médiuns*, justificadas pelo hipnotismo e pela psicanálise, esta série enormissima de fenômenos espíritas de toda natureza, como faz s. s. é, a um tempo, revelar desconhecimento absoluto de espiritismo, de psicanálise, de hipnotismo. E maior prova de desconhecimento do Espiritismo revela s. s. quando afirma: «Não se verificou, até agora, nada que, lógicamente, se pudesse atribuir, no que respeita aos fenômenos psíquicos e físicos, à intervenção do Além». O que não se verificou, até agora, foi adversário algum do Espiritismo, como s. s., levar, lógicamente, a melhor nos seus ataques à Doutrina que, lastimavelmente, desconhecem. Não se verificou, e não se verificará, porque «nada se póde contra a Verdade sinão com a verdade». E' verdade que houve *médiuns*, ou espertalhões que por tal se deram, surpreendidos em mentiras e truques. E surpreendidos por investigadores honestos dos factos, para a salvaguarda, exatamente, do patrimônio científico da Doutrina. Charlatães, mentirosos, plagiários e prestidigitadores são, à miude, surpreendidos a dentro da medicina, sem que a verdadeira medicina tenha perdido em nada seu caráter e seu prestígio.

A existência de centros espíritas, pelos doentes que para êles acorrem, é apresentada por s. s. como perigos para a saude pública. E dí-lo, repetindo a nunca assás desmentida balela de que são tais «centros» que concorrem para que se encha o hospício, quando a verdade é bem outra: de alguns, sabemos nós que, mesmo à distância, concorrem para esvasiá-lo. E, se os doentes procuram os centros espíritas, fazem-no desiludidos dos consultórios médicos, onde deixaram suas esperanças de cura e grossas quantias com que se candidataram a recebê-la de especialistas. A par disto, dá s. s. a entender que os poderes públicos, e até as altas camadas judiciais do Brasil, estão dormindo, ou em conivência criminosa com tais fautores de perigos, por permitir-lhes a existência, garantindo-a em nome da Lei...

Cita s. s., entre *parentesis*, um «centro dos mais afamados, a que compareceu para ser agarrado e sacudido violentamente por dois latagões estrangeiros, mediunizados. -O nome do centro não aparece, o que é de estranhar na entrevista de um mestre de medicina legal, que apresenta o Espiritismo feito um enorme foco de perigos sociais. Os focos devem ser, e óbvio revelados, para a necessária profilaxia, aos poderes competentes e ao povo. Só assim serão combatidos e evitados eficasmente. E' assim que fazem cientistas de verda-

de, no desejo muito sincero de servir à Ciência e ao povo. Não sabemos, de nossa parte, a que «centro» se refere s. s. Entrevemô-lo, apenas, quasi advinhando. Se, realmente, é o que supomos, foi s. s. esbarrar no pior joio do Espiritismo entre nós, que está para o verdadeiro Espiritismo, que é o alicerçado no Evangelho de Jesus e na Codificação de Allan Kardec, como o consultório médico de qualquer charlatão de esquina, está para a verdadeira medicina.

Termina s. s. apresentando seus «meios» de combater os perigos «do Espiritismo, que é por s. s. confundido com «*candoblés* e *macumbas*, onde se explora a credulidade pública.» A mesma velha tecla batida por quem, com ou sem ciência, nos combate. Nós, de nossa parte, ainda não nos cansamos de demonstrar que nada tem *macumbas* e *candoblés* com o Espiritismo, por isso que a *candoblés* e *macumbas* pode comparecer gente de toda casta e de toda religião, menos espiritistas, que sabem o que aquilo é: uma explosão de práticas de religiões africanas, de mistura a práticas do catolicismo. Basta que aí se explore a credulidde pública para não ser espiritismo, doutrina que preceitua o livre exame de tudo, o consórcio da razão com a fé, para a aceitação do que apresenta e ensina...

E ninguém mais do que o espiritista de verdade tem interêsse na correção e no combate a perigos tais, por saber que, de tais combates e regulamentação, o Espiritismo sairá mais prestigiado. Quanto mais não seja, compreendido de tal modo que não deixe oportunidade a que, *cientistas*, como s. s., venham de público, em entrevistas de jornais, confundí-lo com *macumbas*, *cangerès* e outras práticas aberrantes da Doutrina Espírita...

O Espiritismo não teme — é de Allan Kardec — adversários honestos e capazes, aos quais só pede que o estudem para, só então e depois, o atacarem, como fez, sem estudo nenhum, s. s.

O Espírito do Homem Evoluiu Através das Formas Inferiores da Vida

O processo evolutivo da personalidade individual pode estar, mesmo agora, em estágio semi-primitivo, porque ha no futuro do homem um maior período de progresso na individualidade espiritual, cuja maior parte será desenvolvida no futuro.

The Progressive Thinker

Durante longo tempo o homem aceitou a história da creação segundo o relato no livro da *Genesis*, com particular referência á alma ou espírito humano. «E formou o Senhor Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida, e o homem foi feito alma vivente.» Esta afirmativa satisfez a humanidade durante quarenta séculos. Evidentemente, trata-se de uma tentativa prematura, por parte do homem para explicar a origem do espírito do homem, aquela parte do sêr humano que sobrevive à morte corporal.

Nos últimos cem anos, as descobertas da ciência mudaram materialmente a concepção da origem humana, planetas e sistemas solares. O maior golpe vibrado contra a teória mecânica da creação, como está relatada na Bíblia, veiu quando Darwin anunciou sua teoria evolucionista, ou desenvolvimento gradual de todas as cousas. Quando Darwin fez a revelação, o clero desencandeou grande tempestade de protesto, condenando todo o homem que se atrevesse a duvidar da história bíblica da creação, sobretudo aquele que lhe opunha a teoria da evolução. O tempo realizou seu trabalho, e agora muitos clérigos aceitam a evolução como método de creação, uma lei natural que nunca sofre mudança.

A teoria da evolução afirma que, de um modo ainda misterioso, o homem evolveu da mesma raiz de que procederam todas as creaturas, que o homem permaneceu no tronco principal, enquanto as outras creaturas se ramificaram em outras direções, afastando-se assim da supremacia, enquanto que finalmente o homem

atingiu o ponto culminante da escada. Geralmente acreditava-se que somente o corpo físico do homem assim evoluiu, agora suspeita-se que mesmo a alma ou espírito, percorreu o mesmo roteiro.

O biologista sabe que as células microscópicas possuem um instinto rudimentar que lhes permite multiplicarem-se e sobreviver, para finalmente constituirem formas mais complexas, formando, assim, plantas, peixes, pássaros, animais e homem. Êsse instinto parece ampliar o seu escopo para tornar-se fator permanente nas vidas de todas as creaturas. Parece que mesmo os animais superiores progridem para um ponto em que manifestam inteligência mais elevada. Ao menos, distanciaram-se grandemente do instinto celular primitivo.

Alguns cientistas sustentam que épocas houve em que se realizaram mutações, quando por nenhuma razão aparente, alguns animais deram longas passadas para a frente, transpondo dêsse modo, grandes fendas, trazendo á criatura a superior nível mental ou física.

Não estamos em situação de saber se os animais têm ou não conciência, ou como se realizou a transição do instinto à razão e auto-conciência, a única cousa que marca a diferença entre o animal e o homem. O facto de ter o homem conciência de suas emoções e estados mentais, coloca-o acima da animalidade. Pelo processo de introspecção e análise psicológica é êle capaz de examinar as obras de sua mente, cousa que o animal não pode fazer. Esta capacidade realizadora é que estabeleceu um grande hiato entre homem e animal. O homem conhece que é um indivíduo e que tem personalidade, êle possue uma qualidade que o distingue de todas as criaturas, êle possue um espírito avançado ou alma que evoluiu da forma mais primitiva.

Êle tornou-se um indivíduo, aquela sua parte que sobrevive à desagregação física; primariamente é êle um espírito e continuará a viver quando sua manifestação material chegar ao fim. Êle é creatura de dois mundos, um em que o físico desempenha grande parte, o outro em que predomina o espírito.

Assim como tem havido progresso metódico no universo material, também houve ordem no avançamento espiritual do homem, tudo de harmonia com leis estabelecidas. Foram necessários milhões de anos para produzir a personalidade, assim como foram precisos milhões de anos para produzir objetos materiais. E' o processo de Deus de realizar as cousas, permitindo-se tempo amplo para executar seus planos. E' evidentíssimo que a teoria mecânica da creação, e creação instantânea resultante do plano Divino, são esbôços abortados.

Esta teoria da origem da personalidade do homem irá contrariar a idéia firmada de ter eternamente existido o espírito do homem. Porém necessariamente assim não é, porque a matéria é eterna e perpetuamente existiu em uma forma ou em outra. Então porque não o espírito do homem? Êste, também, poderia ter existido eternamente, não obstante ter sido induzido a passar pelo processo da incarnação para percorrer longo período de incubação, do mesmo modo por que se esforçou por manifestar-se através da matéria.

Andrew Jackson Davis sustentou que o espírito individual entra na criança, que aínda não nasceu, diversas semanas antes do nascimento. Essa operação requer intervenção Divina e não está de acôrdo com o expediente Divino de realizar cousas nos outros reinos do universo. Evidentemente, Deus emprega abundante tempo para obter os resultados desejados. Um milhão de anos é como um dia na economia de seu tempo.

Do exposto se conclue que o homem não era um espírito individual antes de chegar ò tempo em que poude questionar a si mesmo, julgar o processo mental de seu pensamento, ou tornar-se conciente de sua identidade. Quando se tornou capaz de analisar sua própria personalidade, incentivar suas boas qualidades, reprimir as más, então já não era um animal; havia se tornado homem, isto é, homem material e espiritual.

Mesmo êsse processo de desenvolver a personalidade individual, talvez esteja agora em estado semi-primitivo, porque à frente do homem estende-se maior período de progresso em individualidade espiritual. Grande parte dela será desenvolvida aquí em milhares de gerações. Porém, êsse desenvolvimento será realizado em outra dimensão. Desaparecido o corpo natural, o corpo espiritual continua a desenvolver individualidade, muito depois de ter se tornado pó o corpo material. Assim, a morte põe termo à existência material, ao mesmo tempo que abre a porta

ao espírito do homem para entrar num reino mais elevado de existência, onde possa continuar a desenvolver personalidade e qualidades espirituais, desembaraçado das restrições materiais. Estará revestido dum corpo etérico de trama sutíl. Naquela nova morada será acelerado o seu desenvolvimento espiritual, seus júbilos ultrapassarão seus sonhos mais arrojados, divertir-se-à em prazeres, ocupações e passatempos, cuja descrição causaria vertigens à nossa imaginação.

Rupert Swimerton.

Perspectivas de Ultra-Tumba

Revue Spirite — Por Alfredo Bénézech

SERÁS tu, leitor amigo, um dos que a questão da outra vida não seduz por implicar ela idéia de morte da qual, como a imensa maioria de teus semelhantes, te arredas o mais possível? Mesmo em ocasiões fúnebres quando ela se impõe, geralmente encontras uma porta pela qual consegues escapar à sua opressão. Porém, se o acaso te colocasse em presença de um ocultista, talvez consentirias, caso a conversação não se prolongasse em demasia, ouvi-lo discorrer, ao menos por mera curiosidade sôbre a vida no outro mundo. Qualquer que seja tua indiferença, êste assunto te interessa diretamente. Todos os dias desaparecem pessoas dêste mundo, parentes, amigos, vizinhos, que sempre vias circular nas ruas ou encontravas em passeios, e alguns dos quais, de tua idade, te advertem que não tardarás a seguí-los ao lugar onde pobres e ricos sempre encontram alojamento seguro. Lá, depressa seus corpos se tornam irreconhecíveis. Será isso tudo o que deles resta? Os materialistas o afirmam. Essa perspectiva de extinção produz arrepios, mesmo que a vida te fosse um fardo. Felizmente, solicitado por preocupações menos lúgubres, reconquistas o teu equilíbrio, após o acesso de vertigem. A Igreja te certifica a sobrevivência da alma, mas os mortos não voltam — para dar suas noticias, e êsse mutismo produz cepticismo. Mas... e se os mortos tivessem meios, ainda que invisiveis, de comunicar com os vivos, tornando-se reconhecíveis por particularidades que constituem prova de identidade? Êste conceito se robustece cada vez mais, com o assentimento de grandes sábios; esta maravilha já é, hoje, uma realidade bem verossímil. Não me aventuro demasiadamente, entretendo-te, por alguns instantes, com as surprêsas que nos estão reservadas, quando deixarmos êste vale de lágrimas, onde muitos julgam cumprir-se o destino humano sem probabilidade de prolongamento.

Proponho-te, pois, uma pequena excursão ao Além, sob os auspícios do Espírito Julia que fez revelações a W. E. Stead, nome êste que talvez não te seja desconhecido, porque se trata dum publicista inglês, morto no naufrágio do *Titanic*, tão notável pelo caráter como pelo talento, e, ademais, médium de escrita automática, de sorte que nos fornece, em livro sensacional, mensagens que êle mesmo recebeu. A Livraria de Ciências Psíquicas traduziu-o em 1911; não é, pois, publicação recente. Proveitosa é a leitura de obras antigas, cujas novidades são, ás vezes, atraentes, porque o excelente jamais envelhece. Nunca te aconteceu, relendo certos volumes, neles descobrir idéias ou formas cuja originalidade não saboreaste antes? Torna-se cousa quasi inédita.

Stead, desde o prefácio, te produzirá a impressão dum homem radicalmente honesto. «Quanto aos que zombam da possibilidade de tal fenômeno — dizia êle, eu simplesmente lhes pedirei que afastem sua teoria de fraude intencional, quanto ao médium, pelo facto de terem sido estas mensagens, escritas pela minha mão direita, sem que presente estivesse qualquer outra pessoa. Todo aquele que conhece a prevenção existente contra o assunto, compreenderá que nenhum interêsse pessoal tenho para me prevalecer do nome tão impopular e ridicularizado de crente na realidade de tais comunicações. De diversas maneiras coopero nesses fac-

tos, ao mesmo tempo privadas e públicas, com esta grave desvantagem: sei de sobejo que o conteúdo dêste prefácio me causará durante anos, aborrecimentos e desacreditará tudo o que eu venha a fazer e dizer. Sem dúvida, isto é uma infelicidade...» Sim, mas a infelicidade sobretudo está com os cegos, voluntários ou não, que, por temor à crítica, se privam da vantagem de abraçar a verdade de esplendido futuro. Quando encontramos um homem que no caminho do progresso não é retido por considerações mesquinhas, saudemo-lo respeitosamente, porque a coragem é uma virtude rara.

Como sabia Stead que essas mensagens vinham do Além, e não das profundezas do subconciente tão notável pelos prodígios da memória latente da transmissão do pensamento, da telepatia e das pessoas segundas? Como se abusa do subconciente para não cair no Espiritismo! Atribuem-lhe, contra toda verossimilhança, uma ciência e mesmo um poder ilimitado, pois que o julgam capaz de produzir, nos casos de materialização, sêres dotados de todos os atributos da pessoa: respiração, pensamento, vontade, palavra, memória, caracteres físicos que essencialmente o distinguem do médium.

Escutemos o depoimento de W. Stead: Não é necessário que eu entre em detalhes circunstanciados para mostrar a evidência que me conduziu à conclusão de serem realmente *As Cartas de Julia* o que pretendem ser, as comunicações do espírito desincarnado de alguém que foi minha amiga durante sua vida terrestre, mas cuja amizade se tornou mais estreita e real depois que me foi arrebatada, hà seis anos...» Quando o jornalista Stead, que não era homem vulgar, foi, pela primeira vez, irressistivelmente impelido a escrever, sob impulso duma fôrça desconhecida, que lhe fazia exprimir idéias que não eram suas, sua surpresa foi grande; a rigor, era admissível a intervenção do subconciente. Mas que pensar do caso em que a escrita automática, sempre assinada por Julia, traçava o apelido afetuoso que, em seu leito de morte, ela havia dado a uma de suas amigas, Helena, detalhe êste completamente ignorado por Stead? De outra vez, era a descrição minuciosa dum incidente que remontava ao ano de 1885 e que êle igualmente ignorava. Em outras ocasiões, proferiu nomes, prenomes e sobrenomes de pessoas do lugar em que nascera Julia ou traços caraterísticos tão fortemente acusados de modo a torná-la reconhecível sem a menor hesitação, ou ainda testemunhos de simpatia por pessoas a que o médium não se interessava.

A essas provas de identidade, pelo menos bem surpreendentes, juntavam-se fenômenos de clarividência que vinham apoiar as mensagens automáticas. Os «videntes possuem um sexto sentido graças ao qual discernem, no mundo invisível, realidades ordinariamente desapercebidas. Stead esteve em relação com alguns dêsses indivíduos excepcionais. Um dêles, que absolutamente nada sabia de Julia, descreveu-a colocada de pé junto a Stead, enquanto êle escrevia; outro vidente retirou de um pacote de vinte retratos o de Julia, que nenhum sinal particular apresentava e identificou-o como representando a senhora em questão; outro ainda descreveu factos cuja veracidade Stead contestara, mas que foram em seguida certificados por pessoas bem informadas; por diversas vezes, Julia predisse acontecimentos que se verificaram depois e que todos julgavam irrealizaveis; enfim, de acôrdo com certas combinações, ela se manifestou a videntes muito distanciados de Stead.

Quando se foi testemunha de fenômenos tão extraordinários, está-se, assim o parece, desculpado por ter aderido a hipótese de personalidades ocultas que dotadas de um organismo sútil, tem poderes que ultrapassam ás capacidades do nosso cérebro material. Êsse subconciente que, pela escrita automática revela cousas de que jamais se ouviu falar, longe de estar fundado sôbre a evidência, nem ao menos repousa sôbre a mais forte probabilidade, porque invariavelmente êsses factos se apresentam em conexão com personalidades distintas do médium. Supomos a existência destas pela constatação de fenômenos dificilmente explicáveis sem elas. Nada sabemos de sua natureza; possuímos melhores informações sôbre a constituição do nosso espírito? E tem o fisiologista, o mais aferrado ao materialismo, certeza absoluta de não existir a alma independentemente do cérebro, seu instrumento? Sabe êle se não ha em nós e fora de nós, sêres sutís dotados de inteligência e vontade, inacessíveis ao escalpêlo do anatomista? E, na dúvida, não seria razoável tomar a sério os factos supranor-

mais que pleiteiam em favor do Espiritismo? Não é, pois, surpreendente que as mensagens de Julia tenham impressionado a Stead a ponto de lhe parecerem verídicas. Todavia sua perfeita adaptação à realidade só será completa quando, de posse de grande número de documentos emanados duma multidão de médiuns, em diversas línguas, sem que entre êles haja comunicações, se puder, pela semelhança dos resultados, deduzir a unidade de origem. Já se chegou, pela comparação de mensagens, a conclusões seriamente motivadas, e vamos, dirigidos por Julia, aventurar-nos nessa região de ultra-tumba, que solicita a curiosidade dos mais indiferentes.

Eis-nos junto ao leito dum enfêrmo ternamente amado. Nenhuma esperança de restabelecimento; todos os sinais de um fim iminente; em seguida, o estertor, o suor gelado, o afrouxamento do pulso, os últimos movimentos de um mecanismo gasto; por fim, a queda no desconhecido. Os parentes estão consternados, ansiosos, como que numa casa sacudida por ciclone, a alma transtornada e devastada. O mundo, visto através-do desespêro, mudou completamente de aspecto. Todos estão interditos, atônitos sôbre as ruínas dum passado cujas misérias foram esquecidas, porque a miséria última a todas ultrapassa. Êle não mais respira, está morto! Ouvem-se gritos, chora-se, ninguém mais se pertence. Que seremos nós sem êle? No momento em que a angústia a todos avassala, o desincarnado, desembaraçado do corpo que foi causa de crueis sofrimentos, experimenta imenso alívio. Ainda não reconhece o seu novo estado. Êle está perturbado. Será preciso mais ou menos tempo para se reconhecer; isso depende de seu grau de preparação. Mas grande é o seu espanto por encontrar-se em pé junto ao corpo que percebe imóvel. Êle não compreende a razão da dôr dos seus; sente vontade de rir, tão singular é o contraste entre o bem-estar que sente e a angústia que ocasiona. Êle deseja falar; impossível. Uma vez de posse de si mesmo, é acolhido por um habitante do mundo invisível, seu guia, acompanhado de caros desaparecidos que o precederam no Além. Lá, estão êles revestidos de seus corpos espirituais, radiantes de juventude e de beleza, reconhecíveis, ainda que diferentes, com o poder, porque seu pensamento é creador, de tomar, para melhor provar sua identidade, a forma sob a qual foram conhecidos na terra.

Guiado por seu anjo de guarda, êle parte para novas regiões. O lugar a que se dirige, é povoado de Espíritos. E' uma existência livre de tormentos que abundam no nosso mundo baixo. Não ha necessidade de dormir para repousar, nem de se preocupar com a nutrição e do resto. Êle depara com pessoas com as quais estivera, outrora, relacionado. Contudo, conserva-se a sua mentalidade, memória e sua vontade, sem solução de continuidade. Mas como se transformam as opiniões do desincarnado! Na sociedade a que agora pertence, a alma aparece tal qual é, despida da máscara com que se cobria. Os individuos são apreciados segundo suas intenções, e alguns impulsivos, condenados a penas infamantes, pelos nossos tribunais, se encontram em melhores condições, graças a virtudes ocultas, do que os hipócritas cujo mérito não passava de fachada. Então se realizará a palavra de Jesus: «Os primeiros serão os últimos, e os últimos, os primeiros».

Dêste ponto de vista, as grandezas da terra parecem uma mesquinharia que torna ridícula a nossa soberba. Todos os bens de que nos orgulhamos, dinheiro, posição social, honras, tornam-se insignificantes. O que de melhor há no nosso plano é inferior ao que de menos elevado há no outro mundo, de sorte que os milionários incensados pelos adoradores do bezerro de ouro, não passam de pobres diabos, se mau uso fizeram de suas faculdades.

Lá, a virtude dominante é o amor que consiste em desejar aos outros, esquecendo-se de si mesmo, aquilo a que se dá maior apreço. Pelo amor, nos aproximamos de Deus, e dele nos afastamos pelo ódio que envenena e desfigura a nossa vida, tornando-a um verdadeiro inferno.

Para os desincarnados, somos Espíritos obscuros, engaiolados no corpo como numa prisão. O mau tem a impressão de estar abandonado num lugar onde o persegue a horrível obsessão de seus delitos, com recordação tornada mais clara e viva. Em geral, nenhum desejo experimentam de voltar ao nosso mundo, porque isso seria renunciar aos gozos; entretanto gostam de rodear as pessoas que estremeciam. Surpreende-os o caráter transitório das cousas terrestres. Descobrem na pobreza e sofrimento uma utili-

dade moral que lhes confere o prêmio da benção de Deus.

Rodeiam-nos Espíritos bons e maus. Misturados à nossa vida, êles nos influenciam, sem o sabermos; a carne, semelhante a antolhos, nos impede enxergá-los. Imenso é o seu desejo de instrução. O espaço e o tempo já não são os mesmos. Movem-se com tal rapidez que ao pensarem em determinado lugar, lá se encontram. Experimentam enebriante sensação de liberdade e de poder, em atmosfera amena, deliciosamente perfumado, o todo saturado de paz, de amor, de alegria e do esquecimento da vida passada, no seio do insondável mistério da estensão ilimitada do universo. São horizontes que fogem sempre, com a surprêsa de maravilhas, sem cessar renovadas.

Não são anjos nem santos; ainda são imperfeitos e entreveem alturas a atingir nas profundezas do amor infinito. Encontram-se com sua individualidade, como num sanatório espiritual, para curar seus defeitos.

O valor dum espírito é determinado pelos sentimentos que o animam. As questões de Igreja não entram em consideração. As barreiras erguidas pelas seitas para encurralar os homens nos dois campos eternamente separados, de malditos e de eleitos, só existem na imaginação de fanáticos. A religião que salva, é a que domina o sentimento da fraternidade universal, a necessidade de comunicar com todas as pessoas sinceras, quaisquer que sejam sua raça, nacionalidade ou culto. Organizam nêste mundo sua vida futura para continuar do ponto em que pararam.

Nas sessões mediúnicas, aos Espíritos não assiste o direito de responder a todas perguntas, porque lhes é prescrito respeitar a iniciativa individual. Por outro lado, seus conhecimentos, são bem limitados, posto que superiores aos nossos. Hà entre êles como no nosso plano terrestre, diversidade de aptidões, donde resulta divergências de opiniões. Consideram a matéria como uma ficção da inteligência que se desvanece com o corpo; só o espírito tem realidade.

No Além, não se leva vida puramente contemplativa. Cada qual tem suas ocupações. Eis porque muitas vezes, quando estamos em sessão, fortemente interessados por fenômenos físicos ou intelectuais os Espíritos nos deixam bruscamente, chamados a outros lugares, segundo afirmam.

Tais são as indicações esparsas nas mensagens de Julia. Talvez nos surpreendamos por aí não encontrarmos revelação alguma de cousas estranhas aos nossos atuais meios de conhecimento. Poderia ser de outro modo? Não mais possuiremos, quando desincarnados, os sentidos que resultam da constituição de nossos corpos, e contudo, experimentaremos impressões várias de que impossivel nos é fazer a menor idéia, porque nos faltam as faculdades necessária. Sem sair do nosso mundo, falemos a uma criança das maravilhas da eletricidade. Apenas por um instante conseguiremos fixar sua atenção. Êsses factos ultrapassam o quadro em que se move sua inteligência, até o dia em que esta, após laboriosa preparação, se torna capaz de compreender. Tomemos um dos membros mais eminentes da nossa Academia de Ciências, a certos respeitos, êle é uma criança, comparado a um habitante do além, ainda que goze de enorme prestígio neste plano inferior. Êle nos confessará humildemente que nada sabe, a despeito de seus diplomas, e sua notoriedade. Essa confissão de ignorância, raramente encontrada nos lábios de um iletrado, é a marca do homem genial.

Quão melhor seria á humanidade se ela tivesse viva persuação do além!...

* * *

As Igrejas perdem muito de sua influência, provavelmente porque seu ensino não se adapta às legítimas aspirações dos tempos modernos. A necessidade dum renovamento nas idéias, condição indispensável de uma reforma de costumes, faz-se sentir imperiosamente e o Espiritismo, pela demonstração experimental da sobrevivência trará inestimável contribuição à construção do novo edifício. Hà nas perspectivas de ultra-tumba, todos os germes da renovação social.

«Seria extremamente imprudente negar a realidade de um grande número de fenômenos psíquicos, pois as provas são esmagadoras».

(DR. SCOTT LIDGETT — Intérprete das «Igrejas Livres Evangélicas»).

Reencarnação

«Nascer, viver, morrer, renascer ainda, tantas vezes quantas forem necessárias, para que a nossa evolução se elabore e o nosso aperfeiçoamento moral se complete». (KARDEC).

— «Ninguém entrará no reino dos céus, sem nascer de novo». (João, III—3).

— «Uma lei primordial e absoluta rege a creação: a lei do progresso. Tudo se eleva ao infinito, e os êrros são quédas». (Flamarion).

— «O berço tem seu ontem e a tumba, o seu amanhã». (Vitor Hugo).

A terra é um dos planetas regeneradores, onde o espírito se educa para subir as escadarias gradativas do aperfeiçoamento: «Sêde perfeitos como o vosso Pai que está nos céus». Mateus, V—48.

A própria vida terrestre é uma prova insofismável de que a luta continuará extra terrena, sem estacionamentos eternos em céus ou infernos: —«Um mundo cuja lei é uma cruel e perpétua luta pela existência, na qual só os brutais, os velhacos, os inescrupulosos triunfam; luta por toda a parte: de homens contra homens, tribu contra tribu, império contra império, espécie contra espécie», o que levou Henry Adams a dizer: um quadro de dôres, aflição e morte; péste e fome, inundações, sêcas, nevadas, catástrofes por toda a parte e por toda a parte acidentes. A virtude gera o vício e o vício se perpetua. Felicidade sem sentido, egoísmo sem lucro, miséria sem causa, horrores indefiníveis e a morte como recompensa equalitária de todos».

Rousseau sintetisou tudo isso quando afirmou que nêste mundo há uma tendência natural para «oprimir o bem e exaltar o mal».

No Evangelho segundo João, III-1 a 24, vemos Jesus instruindo Nicodemos acerca de um novo nascimento, ou seja sôbre a reencarnação: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não renascer de novo, não pode ver o reino de Deus». E diante da admiração de Nicodemos, Jesus continua: «Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus». E como mostrando que a palavra «água» também significa «carne», Jesus repete: «O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito. Não te maravilhes de te ter dito: Necessário te é nascer de novo». Seria o mesmo que Jesus dissesse: Quem não nascer da carne e do espírito, não pode ver o reino de Deus. Essas passagens são claras demais para que exegetas menos escrupulosos procurem deturpar a verdade.

E quanto ao esquecimento que temos de nossas reencarnações anteriores, durante o novo nascimento, e que recuperamos a memória quando livre está o espírito da matéria (corpo), é ainda Jesus que nos esclarece, dizendo: — «O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz; assim é todo aquele que é nascido do Espírito», isto é, que se reencarna. (Mesmo capítulo, versículo, 8).

A reencarnação é necessária porque através dela vai o homem aprendendo, progredindo, evoluindo em sua marcha ascensional, impossível de se realizar numa única vida, mormente para aqueles que morrem prematuramente.

Assim como os frutos não amadurecem todos ao mesmo tempo, o aperfeiçoamento se completará em sucessivas encarnações, através do tempo e do espaço.

Para o espírito não existe o fator tempo, porque êle é eterno; nós temos necessidade de calendários para as nossas atividades sociais; o espírito não tem idade.

A finalidade da reencarnação é esclarecida pelo próprio Jesus, no mesmo capítulo anteriormente citado, versículo—15:—«Para que todo aque-

le que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna». A vida sendo eterna, as reencarnações são apenas etapas diversas, constituindo todas, a vida do próprio espírito.

A reencarnação é, pois, o meio de que se serve o Creador para oferecer ao homem as oportunidades de reparar o mal cometido, descontar as suas faltas, aprender com seu próprio esfôrço, realizar o progresso de suas faculdades intelectuais, paulatinamente, porém, evolutivamente.

Êste princípio reencarnacionista é compatível com a justiça de Deus, cujo Filho prometeu a cada um, a recompensa de suas obras.

A morte, como é julgada por muitos, não existe. O próprio corpo não morre e sim se transforma em outros corpos, na sua decomposição. A única morte reconhecida por Jesus, é a morte espiritual: aqueles que têm os olhos da alma fechados ás coisas espirituais Êstes, espiritualmente, são os mortos de que nos fala o Evangelho.

A creação da alma na ocasião da concepção de um novo sêr, alem de ser um grande disparate, faria de Deus um ser injusto, pois que mérito teria um espírito que apenas animou um corpo por poucos dias ou meses apenas, e sem nenhum conhecimento do mundo, onde esteve, sem que a sua virtude fosse posta á prova, e ir depois gosar eternamente no paraiso celeste, após o seu desencarne precoce?

Responderão os católicos: Se essa criança foi batisada, ela irá, ao morrer, para o céu. E nós tornaremos: Então o destino da alma não depende de seus atos e das leis de Deus? Ficará a alma sujeita a ritos humanos que obrigarão Deus a recebê-la em seu seio? Poderá o homem ter interferência no que só a Deus pertence? Nesses casos estaria decretada a falência da autoridade divina...

O batismo não tem o sentido místico que os católicos querem impingir. A prègação de João Batista precedeu o batismo de Jesus. E Jesus só foi batisado por João Batista, aos 30 anos. Nessa ocasião teve lugar a «iniciação» de Jesus, tanto assim que após esse ritual, o Mestre principiou a sua missão.

Quando, pois, lemos nos Evangelhos: »ide, batizai a toda a gente, prégai o Evangelho e curai os enfêrmos, êsse «batismo» em nome do Pai, significa iniciação dos conhecimentos da Doutrina Christã ensinada por Deus aos homens, por intermédio de seu Filho Unigênito.

Passagens, como a matança dos inocentes, sem a lei da reencarnação, ação e reação; causa e efeito; chóque e retorno, nos dariam de Deus uma noção bárbara, contraditória e incompreensível.

Em Mateus, XVII—12-13, encontramos mais esta afirmação de Jesus reforçando a idéia da reencarnação: «Declaro-vos, porém, que Elias já veiu, e não o conheceram, antes fizeram-lhe tudo quanto quiséram; assim tambem o Filho do homem há de padecer ás suas mãos. Então os discipulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista», o que é confirmado em Mateus, XI—14-15, referindo-se a João Batista: «e se quereis dar crédito, é êste o Elias que há de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.»

A teoria da reencarnação é velha como o mundo. As religiões mais antigas tinham-na como princípio básico. Os pròprios contemporâneos de Jesus, acreditavam na reencarnação, tanto que supunham que Jesus fosse um dos antigos profétas resuscitado: Lucas, IX—19.

Contudo, poderia surgir um novo saduceu para apontar a questão dos parentescos, pois pela afinidade, muitos espíritos amigos e parentes, tornam ao seio da mesma família, em futuras reencarnações, para completar sua missão. Assim um espírito de um nosso tio morto há tempos, poderá vir animar o corpo de um de nossos filhos. E Jesus mais uma vez não deixa parar nenhuma dúvida sôbre tal fato: Mateus. XXII—24 a 33; «Errais, não conhecendo as Escrituras, nem o poder de Deus; porque na ressurreição nem casam nem se dão em casamento; mas serão como os anjos de Deus no céu. Deus não é Deus dos mortos, mas dos vivos.»

Vimos, pois, com toda a clare-

za possível, que os espíritos além de não terem idades, não têm sexo e nem parentesco algum, uma vez desencarnado. A ressurreição de que nos fala Jesus, é o término de uma das existências materiais, quando o espírito retorna à sua vida primitiva, pois ressurreição dos corpos como pretendem alguns, é absurda: O corpo separado do espírito se transforma em outros corpos que por sua vez alimentarão sêres viventes, mesmo os vegetais.

No plano espiritual seremos todos irmãos, filhos do mesmo Pai, todos seguindo o mesmo ideal do aperfeiçoamento e do progresso.

A passagem do Evangelho acima citada, se refere a uma pergunta que fizeram a Jesus, sôbre uma mulher que foi casada 7 vezes, e na ressurreição, quando o seu espírito se libertasse por sua vez da matéria, qual dentre os 7 seria considerado seu marido. E a resposta de Jesus foi simples, lógica e decisiva, não deixando margem para dúvidas.

Cristovam Camargo, em seu livro «O Subconciente», escreve:

«O mundo é uma imensa escola e a vida, uma interminável lição. Não é natural que toda a nossa aprendizagem das leis eternas, toda a nossa evolução se processe, inteira, dentro do prazo curtissimo de quarenta, sessenta ou oitenta anos. Sem falarmos nos que morrem cedo, nos que morrem com alguns minutos de vida e não têm tempo de aprender, que nada saberiam se a escola das verdades eternas se encerrasse dentro do âmbito estreitissimo da vida no planeta.

«Não, quando chegamos à vida, quando nascemos, vimos de dezenas, de centenas de vidas anteriores, nêste mesmo ou em outros planetas e continuaremos, depois, em dezenas, em centenas, em milhares de vidas, nêste ou em outros planetas, desdobrando-se cada uma dessas — que todas se fundem em uma só — a eternidade, de acôrdo com os preparativos feitos e as direções tomadas na vida imediatamente anterior».

Êsse mesmo autor transcreve um trecho do 3.o volume de Filosofia, parte destinada á psicologia, 8.a edição, tomo II, pag. 364, do venerando cardeal Mercier, referente á reencarnação, e cuja tradução, data venia, fazemos: —

«Do ponto de vista puramente racional, é então demonstrável que a prova moral do homem terá, cedo ou tarde, um termo; parece-nos nada difícil de demonstrar que este termo (fim), devia necessariamente coincidir com o último momento da vida atual, e que toda a prolongação de prova além do túmulo seja impossível... Sob o nome de reencarnação, de metempsicóse ou de transmigração das almas, pode-se entender coisas muito diferentes; seja uma série de existências sob a dupla condição de que a alma conserve a conciência de sua personalidade e que há para a série das migrações um termo final... Quanto á primeira hipótese, nós não vemos sinão que a razão, deixada a ela só, declara-a impossível, nem mesmo certamente falsa».

Assim vemos que a opinião do ilustre príncipe da igreja católica, não condena a reencarnação, não a considera impossível ou mesmo absurda, o que nos faz lembrar de Paulo quando diz: vejo o melhor, aprovo-o; mas sigo o pior...

Aproveitemos as inspiradas palavras do sr. Cristovam Camargo, transcrevendo mais alguns trechos, para que todos os que nos lêm, possam aproveitar também tão úteis e sábias considerações: —

«Novas perspectivas abre a reencarnação ante nossos olhos fatigados, dando-nos as razões das aparentes injustiças desta vida. A desigualdade verificada na sorte dos homens, nela encontra a única explicação aceitável.

«Êsse desnivelamento de situações entre os habitantes da terra, que entibia os corações, faz desconfiar de uma justiça superior, levando muitas vezes ao desespêro, á blasfêmia e ao ódio á divindade, aparece então como consequência natural — se, nem sempre, de nossas ações no presente transcurso de tempo, como corolários de atos mais ou menos meritórios ou censuráveis das diversas criaturas, em existências anteriores.

«Não há varias vidas, passadas

na terra, no céu, neste ou naquele planeta. A vida é uma só,—a vida eterna,—e êsses marcos divisórios que estabelecemos, dos quais o mais importante, talvez o único para nós, seja o túmulo, só por um velho preconceito arraigado secciona o panorama ininterrupto da eternidade em dois ou mais períodos, que consideramos diferentes e autónomos. Aquele que, de uma esfera á parte, pudesse contemplar a seus pés o desenrolar das existências nos espaços siderais, apreenderia a vida, desde as vibrações apagadas e recônditas dos minerais, á refulgência dos santos, como o desdobrar harmônico do plano divino, sem soluções de continuidade, hiatos ou mudanças.

«Viveremos sempre, atravessaremos outras numerosissimas vidas, progrediremos sem cessar, e a intuição e o simples bom senso nos afiançam que todos, sem exceção, seremos um dia inteiramente felizes».

Parodiando A. Comte que disse: «Toda a sucessão dos homens, durante a longa sequência dos séculos, deve ser considerada como um só homem, que subsiste sempre, e que continuadamente aprende», dizemos nós: Toda a sucessão de vidas durante a longa sequência das reencarnações, deve ser considerada como uma só vida, que subsiste sempre, e que continuadamente aprende e evolúe.

Prof. Adauto de Oliveira Serra.

Crônica Estrangeira

As provas experimentais da sobrevivência

Pertencem os seguintes relatos ao arquivo do célebre astronômo francês, Camilo Flammarion, que os precedeu do seguinte comentário:

«Parece-me que as manifestações póstumas aquí publicadas *(Revue Spirite)*, meses seguidos, nada deixam a desejar, do ponto de vista da certeza científica. O estudo histórico dos testemunhos, como as observações atuais, nos mostra que todos os homens que quiseram aprofundar êsses testemunhos, chegaram à convicção de sua autenticidade».

* * *

«Trata-se de uma jovém, morta um ano antes. Esta manifestação foi relatada pelo sr. Giuseppe Cavagnaro, sob juramento. O narrador, bem como outros locatários do prédio, viu-a atravessar os quartos, observações feitas a sangue frio, que parecem não dar lugar à hipótese alucinatória.

Eis a carta:

«Contava eu dezoito anos, e estudava em Genova, onde morava com meu pai. Certa manhã, pelas sete horas, quando eu manuseava um compêndio grego, ouví um ruído, como se alguém houvesse aberto uma porta; olhei e ví chegar da cozinha, uma jovém, aparentando dezoito anos, em trages menores, de carnação branca, alta, béla, cabelos longos, castanhos e anelados. Ela passou diante de mim fixando-me, quasi sorridente, depois entrou no quarto de meu pai cuja porta abriu e feichou ruidosamente. Fiquei perplexo, e pensei: «Quero saber quem é e porque veio aquí».

«Dez minutos depois, meu pai saiu do mesmo quarto e, como de costume, êle foi à cozinha para fazer suas abluções; corri imediatamente ao quarto de que acabava de saír... mas aí não encontrei pessoa alguma. Olhei por toda parte, debaixo do armário, onde, aliás, ninguém poderia esconder-se, debaixo do leito, muito baixo, onde nem uma criança poderia ocultar-se; abri as gavetas! Procurei detrás das cadeiras e em todos os cantos; em uma palavra, tudo foi por mim devassado. A moça não poderia fugir pela janela, porque habitavamos um quarto andar, sôbre rua isolada.

Voltando meu pai ao quarto, contei-lhe tudo. Corremos à escada para revistá-la cuidadosamente e nada pudemos descobrir. Meu pai deu volta à chave da porta da rua que ainda estava fechada; ninguém entrara nem saíra, assegurou-nos

o porteiro. Fomos a casa do vizinho defronte, o advogado Manzini, a quem contámos o sucedido. Grande foi a nossa surprêsa ao perceber que o nosso relato não o abalara, reconhecendo pela discrição que eu lhe fizera, *certa jovem* de 18 de anos, *morta um ano antes* no mesmo quarto aonde a vi entrar. Êle acrescentou não ter sido eu o único a vê-la, e que uma família inteira, que antes de nós habitava a casa, *foi obrigada a abandonar êsse apartamento* devido a essas aparições que aterrorizavam os que as observavam».

* * *

A Condessa Amélia Carandini escreveu o seguinte:

«Lendo-vos, sente-se que as narrações análogas ás que estudais merecem o vosso beneplácito, e parece-me meu dever transmitir-vos a seguinte, cuja autenticidade garanto:

«Certa noite, pelas nove horas, todos ainda estavam ativos na casa. Minha irmã, de dezesete anos de idade, ao passar por certo corredor do apartamento, viu com estupefação, debaixo de um bico de gás aceso perto dela, de pé, uma jovem alta e bela, vestida à camponêsa e que lhe era desconhecida. Presa de terror, escapou-lhe um grito e o fantasma desapareceu. O susto fê-la chorar de mêdo, e minha mãe repreendeu-a. Na manhã seguinte, a cozinheira, moça de vinte e cinco anos, foi procurar minha mãe, a quem contou que à noite, desde o momento em que se deitara, ouvira um sôpro e sentira uma sorte de respiração no rosto, e que abrindo os olhos, viu de pé junto à cama, uma de suas amigas, de sua província, moça bela e alta com vestuário à camponêsa.

Essa moça, disse a cozinheira, tinha má conduta, e muitos conselhos lhe dei, mas inúteis.» — Ela falecera no dia precedente.»

⁂

Dois casos verificados

The Progressive Thinker registrou, há duas décadas, os seguintes casos de clarividência:

O sr. Punter, de Luton (Inglaterra), viajando, encontrou-se em Paigton. No hotel, servia-lhe o chá certo garçon por trás do qual Punter percebeu um espírito, o de homem de cêrca-de 26 anos, bem constituido, ombros largos, cabelos negros, e soldado. Êle interroga o servente, se o conhecia. Trava-se o diálogo: «Não». — Contudo, o vosso amigo me diz que o levantastes, ferido, após a batalha, que o carregastes nas linhas, que, por fim, percebestes que estava morto. — «Não compreendo, senhor, o que quereis dizer». — «Usei de toda a franqueza. O morto me diz que tirastes o seu relógio de seu bolso que êste atualmente está, *lá*, no vosso. Êle vos censura porque não o enviastes à sua família». O homem empalideceu, e confessou enfim: «Eu o confesso, é a verdade».

—

Numa reunião, Punter diz a alguém: «Ao vosso lado, vejo um oficial de marinha». Tal é a descrição que dêle faz que o interlocutor reconhece um parente próximo. «Mas, afirma êle jocosamente, o oficial de quem falais está perfeitamente vivo. Recebemos suas notícias, ha engano de vossa parte». Dia seguinte Punter deixa a cidade. Na estação, a pessoa a quem comunicara a visão, acorre alguns minutos antes da partida do trem, para dizer ao viajante: «Acabámos de receber um telegrama. O parente que todos julgavam perfeitamente são, o oficial cheio de vida, infelizmente, morreu afogado». Comparando os tempos, constataram que o acidente se verificara, no outro extremo do mundo, duas horas antes da visão de Punter.

⁂

Quem tocou a campaínha?

A História de uma Enfermeira

«The Two Worlds» — Por Frank Speaight

Estava eu a conversar com a enfermeira que assistia minha irmã durante sua enfermidade, e ela relatou-me o seguinte:

«Alguns anos atrás estava eu assistindo uma senhora ás portas da morte, cujo marido mostrava-se tão amedrontado a ponto de recusar-se a entrar no quarto ocupado pela mulher. Constantemente a pobre enfêrma pedia sua presença junto ao leito, mas os pedidos sempre foram recusados. Êle estava tão amedrontado — horrorizado é o termo — o quanto possível. Finalmente persuadi-o a entrar. Durante alguns segundos conservou-se de pé ao lado da cama. A mulher ia dizer-lhe

algo de importante, mas antes de conseguir murmurar a primeira palavra, êle gritou como um animal acossado pelo terror: «Não o suporto, não o posso suportar», e fugiu do quarto como dementado.

Após o desenlace da pobre criatura, cumpri os deveres que o cargo me impunha e desci ao andar inferior. O marido fugira de casa, e eu fiquei sozinha. Procurei uma revista e dispunha-me a ler, quando ouvi o soar da campainha elétrica. Senti certo temor, pois estava só, mas levantei-me e abri a porta do aposento em que eu estava. A campainha deixou de tocar. Fechei a porta, supondo tratar-se de uma ilusão, mas apenas sentada, a campainha ressoou. Voltei à porta, e a campainha emudeceu. Quando fechei e voltei à cadeira, a campainha tornou a tocar. Nêsse instante fui assaltada pelo mêdo, dirigi-me à porta da rua, ninguém! Não havia ainda retornado ao meu lugar, quando mais uma vez ouvi a campainha vibrar.

Rapidamente fui a casa do vizinho a quem relatei o ocorrido. Êste entrou intrepidamente. Apenas fechada a porta, soou a campainha. «Venha», disse êle. «Vejamos qual o número do quarto registrado no indicador colocado na cozinha!» Para lá nos dirigimos. «Santo Deus», esclamou êle assustado, «é o quarto da falecida». Naturalmente pensei que a enfêrma não morrera, e estava pedindo socôrro. Não obstante ser eu enfermeira, senti-me literalmente assombrada. Dirigimo-nos ao andar superior. Entrámos no quarto. Tudo lá estava em ordem e reinava silêncio absoluto. Descobri o rosto. Realmente, a senhora estava morta. Saímos, nas pontas dos pés e voltámos ao aposento em que primeiro ouvi o toque.

Apenas fechada a porta, a campainha recomeçou a telintar. «Bem, isto é extraordinário», disse o vizinho; «mas vou acabar com isto». De um salto ganhou a cozinha, empunhou seu canivete e cortou os fios que ligavam o quarto à caixa registradora. Com um olhar de «agora quero ver», voltámos à sala. Mal a porta caíra no trinco, novamente a campainha vibrou. Corremos à cozinha e fixámos o indicador, era o número correspondente ao quarto em que jazia a falecida, não obstante estarem cortados os fios.

Tão grande era o nosso pavor que fugimos daquela casa e eu permaneci na residência do vizinho. Quando saí, ainda o marido não voltara.

Estaria o espírito da desventurada insistindo no propósito de transmitir aquela mensagem importante ao marido apavorado?

⁂

Uma predição bem realizada

O capitão do vapor *Pérez*, de Barcelona, não acreditava em Espiritismo. Um dia, levaram o médium Julio Soto a bordo, e realizaram uma sessão. Apresenta-se o espírito de J. Martinez Iglesias, cujo retrato físico o médium descreve perfeitamente, apesar-de não o ter conhecido, nem de nome nem pessoalmente. O capitão pergunta a Iglesias: «Amigo, que queres tu?» Inicia-se o diálogo: «Venho saudar-te e pergunto quando pretendes saír ao mar.—Mas... esta noite partiremos para Malta. — Estás bem certo de ir a Malta? —Certamente, sim; todos os meus papeis estão em ordem; seguramente aparelharemos esta noite.—Pois bem, desengana-te; de maneira alguma irás a Malta, ao menos presentemente. Efetivamente não irás a parte alguma. – Vamos, então! o que irá acontecer, amigo Martinez Iglesias?— O que vai acontecer? Amanhã cedo tomarás o café em Barcelona, com êstes dois cavalheiros» (o médium Julio Soto e seu pai presente à sessão). — Mas não! Estaremos ao largo! — Não estarás no mar! Adeus». Assim terminou a comunicação.

O capitão riu-se muito, e à tarde fez levantar ferros. O *Pérez* havia já percorrido algumas milhas, quando se verificou um acidente nas máquinas, que só poderia ser reparado em terra. Trataram de voltar, regressaram ao porto. Na manhã seguinte, o capitão foi à cidade, a serviço da Companhia, e teve a idéia de entrar no primeiro café, para se desalterar. Grande foi o seu assômbro ao descobrir no fundo da sala, a tomarem seu café, o médium Soto e seu pai, os quais também ali haviam entrado, por acaso. A predição de Iglesias realizara-se inteiramente.

Aqueles que trabalham pelo triunfo da doutrina estão sob as vistas e o amparo dos Bons Espíritos. — L. B.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Uma bonita festa de Natal

Aproximadamente em Cr. $12.000,00 a distribuição de gêneros alimentícios do «Natal das Famílias Pobres» — Donativos recebidos — Pessoas que colaboraram no trabalho — Várias

A distribuição de gêneros alimentícios do Natal das Famílias Pobres, realizada a 24 do corrente, na séde do Centro Espírita Luz, Fé e Caridade, constituiu um dos acontecimentos marcantes do sentimento mariliense, de solidariedade humana. O simples facto da aludida distribuição ter-se realizado na séde de um Centro Espírita, e mesmo o facto de haver sido organizada por elementos pertencentes à aludida entidade, não implicam em motivo para dar-se ao «Natal das Famílias Pobres» qualquer sentido sectário. E isso porque, se na distribuição aos pobres não houve a menor distinção de caráter doutrinário, também na arregimentação de donativos para a realização do Natal, o mesmo facto se verificou. Os espíritas e o Centro serviram apenas de instrumentos, através dos quais se manifestou, muito viva e humana, a generosidade dos corações marilienses, proporcionando aos pobres da cidade uma Noite de Natal mais alegre e mais farta.

Da esquerda para a direita — *Dr. Paulo da Cunha Mattos, cirurgião dentista; Alcina Camargo Rocha, professora; Manoel Pinto Ribeiro, presidente do Gremio; Luiz Laraia, gerente da Sudan; Sra. Onelia P. Camargo, esposa do sr. Prefeito Municipal e presidente da Legião Brasileira de Assistência, local; D. Gilda Nazari Ribeiro, esposa do sr. Manoel Pinto Ribeiro; D. Modesta Zani, esposa do sr. Alcides Zani, chefe tecnico da Cia. Telefônica Brasileira, e sr. Paulino Lavandeira, vice-presidente do Gremio.*

O «Natal das Famílias Pobres» merece nossa especial atenção, pois a distribuição de gêneros alimentícios realizada foi das mais eficientes que já tivemos oportunidade de presenciar, tocando a cada família beneficiada uma quantidade considerável dos mais diversos gêneros. Não foi uma pequena distribuição de consolação, como se costuma dizer, mas um trabalho de valor real, que bem se pode avaliar pelas cifras abaixo mencionadas. Releva notar que o «Natal das Famílias Pobres» foi organizado à ultima hora, já nas vésperas do dia 24, com apenas quatro ou cinco dias de antecedência, o que demonstra, mais uma vez, a presteza com que os corações marilienses sabem acorrer aos chamados dessa natureza.

Donativos Recebidos — A comissão Organizadora, constituida dos Snrs. Manoel Pinto Ribeiro, presidente do Centro, Santos Xandó de Araujo, gerente da agencia do Banco do Comercio e Industria, Luiz Laraya, gerente da filial «Sudan» e outras pessoas, organizou várias listas de contribuições, onde figuram importantes donativos de firmas e elementos locais dos mais variados matizes religiosos. «Diário Paulista», recebendo, na lista a seu cargo, as valiosas contribuições de dois saquinhos de moédas de 10 e 20 centavos, dos Snrs. Exatores e Fiscais Federais da cidade, promoveu interessante leilão dos mesmos, resultando em maiores contribuições, num total de 500 cruzeiros.

Além das listas que incluiram os donativos locais, recebeu a comissão um donativo de 500 cruzeiros da Prefeitura Municipal, dois donativos de 200 cruzeiros cada um, da Loja Maçonica e da exma. Snra. D. Anita Pastore D'Angelo, diretora e proprietária da Fábrica de Cigarros Sudan, 1.000 cruzeiros em mercadorias, da seção local da Legião Brasileira de Assistência, uma rez no valor de mais 600 cruzeiros, da Sociedade Pecuaria Ltda. e 15 sacos de arroz das máquinas de beneficiamento da cidade.

A Distribuição de Gêneros — A's 14 horas do dia 24 iniciou-se a distribuição de gêneros, na séde do Centro, cujo salão principal ficou repleto de mercadorias, apresentando o aspecto de um verdadeiro armazem comercial. As mercadorias foram divididas em várias seções, afim de facilitar a distribuição, ficando as seções entregues a diversas pessoas presentes, inclusive as sras. d. Onélia P. Camargo, presidente da Legião Brasileira de Assistência, prof.a d. Guiomar Rocha, vice-diretora

do 1.º Grupo Escolar, snra. Modesta Zane, d. Olésia Ramos, Gilda Nazari Ribeiro e snrs. dr. Paulo de Matos, Paulino da Silva Lavandeira, Mario Chuba, Luiz Laraya, Alcides Zane, Jaime Lavandeira, Antonio Messas e Dante Ferrioli.

Todas as fichas distribuidas haviam sido rigorosamente registradas num livro apropriado, com designação do número de pessoas de cada família. Dessa forma, ao entregar a ficha, o portador era encaminhado para um lado ou outro das seções de mercadorias, no vasto salão de distribuição, recebendo a porção que lhe competia. Foram atendidas assim às 350 famílias portadoras de fichas, reservando-se ainda uma porção suficiente para mais 95 famílias, que foram atendidas em seguida, e que apesar-de não possuírem fichas haviam acorrido ao local.

Tivemos a oportunidade de presenciar algumas cenas verdadeiramente emocionantes, de pessoas que entravam no salão trazendo pequenas vasilhas, insuficientes para a grande quantidade de mercadorias que deviam receber. Essas pessoas mostravam-se agradavelmente surpreendidas, pedindo licença, emocionadas, para irem à procura de outra vasilha mais ampla, não raro uma cesta ou saco. Na rua, encontravam-se mulheres arcadas ao peso de grande sacos de mantimentos, comentando alegremente a surprêsa que haviam tido com uma distribuição tão farta e generosa.

Contribuição ao Natal dos Presos — Além dessa grande distribuição às famílias pobres, a comissão contribuiu ainda com 50 maços de cigarros «Fulgor» e 40 cruzeiros de doces para o Natal dos Presos da Cadeia Publica.

A Quantidade de Mercadorias para cada família — A distribuição efetuada, pretendia a comissão proporcionar a cada família a oportunidade de receber pelo menos meio quilo de sal, pois é sabida a dificuldade com que vêm lutando os pobres para conseguirem o precioso elemento, desde que se procedeu ao racionamento do mesmo. Não obstante, tal não foi possível, conseguindo a comissão entregar apenas 300 gramas a cada família, o que já valeu por muita satisfação entre os pobres.

Foi o seguinte o critério adotado na distribuição de gêneros: famílias maiores — 3 quilos de arroz, 2 e meio de feijão, 2 e meio de açucar, 1 de café, 1 de macarrão, 1 de banha, 1 de farinha de mandioca, 1 de batatas, 1 de carne, 1 cruzeiro de pão, 2 pedaços de sabão, 3 cabeças de alho, 3 cabeças de cebola e 300 gramas de sal, familias menores — 2 e meio quilos de arroz, 2 de feijão, 1 e meio de assucar, meio de café, 1 de macarrão, 1 de banha, 1 de farinha de mandioca, meio de carne, 50 centavos de pão, 1 pedaço de sabão, 2 cabeças de alho, 2 cabeças de cebola e 300 gramas de sal.

Um exemplo que se pode fazer em Marilia — O improvisado «Natal das Famílias Pobres», nêste ano, deve ser tomado por todos nós como um eloquente exemplo do que se pode fazer, em Marilia, no terreno da assistência social, onde nos encontramos ainda na fase dos projetos e... das atas e reuniões. Serve também, essa recente e feliz realização, para nos mostrar o que poderemos fazer nos anos próximos, em matérias de distribuição de Natal, uma vez que as providências sejam tomadas com maior espaço de tempo e conjugando no trabalho, maior número de pessoas de boa vontade.

(Do «Diário Paulista» de 31-12-943, de Marilia).

O Semeador

Sob a direção dos nossos prezados confrades, D. Martha Cajado de Oliveira e Vinicius, acaba de surgir na arena da imprensa espírita, com o seu primeiro número lançado a lume no dia 1.º do mês de Março, «O Semeador», orgão da Federação Espírita do Estado de São Paulo.

A apresentação é subscrita pelo diretor espíritual dessa importante entidade, Bezerra de Menezes. A seguir, ótimas colaborações de conhecidos e apreciados escritores espíritas.

Mensário noticioso e doutrinário, está impresso em ótimo papel.

Ao distinto colega, as nossas boas vindas e votos de longa existência.

O homem não se une a Deus sinão pela virtude, e a virtude não se adquire pela ciência; é um dom divino. — PLATÃO.

Revista Internacional do Espiritismo

FOLHETO MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor. José da Costa Filho — *Redator: Watson Campêlo*

Redação e Administração

MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Animicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 32 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgencia, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura	simples	Cr.$20,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura	registrada	25,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	simples	30,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura	registrada	45,00

NUMERO AVULSO CR. $2,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

Avenida Passos, 30 :—: Rio de Janeiro